

CUANDO ERA LAVADORA DE ELEFANTES

Véronique Durand

Meus agradecimentos a Jacques Owczarek,
escultor e amigo, pelo seu elefante.

Para Manon e Gaétan
Que continuem a dança da vida

MARINA

Ela sonhava com grandes espaços, aventuras fantásticas, adrenalina, outro mundo como proclamava o grupo de rock *Téléphone*¹ no seu ouvido, nas noites de insônia.

Ela lia, estudava, sonhava muito, contava o andamento das suas reflexões aos seus amigos, não conseguia convencê-los. Eles não entendiam qual era o propósito dela, o que ela buscava.

—Marina, você enche com as suas histórias, sempre querendo mudar o mundo, se queixa da injustiça, da dor, dos sofrimentos dos outros. Acorda, mexa-se, faça alguma coisa!

Qualquer forma de injustiça a revoltava.

Um dia, ela se foi. Dezoito anos, idade de todos os sonhos, de todas as esperanças, quando a gente quer mudar o mundo, quando se acredita em tudo, quando não se acredita em nada, quando não se escuta ninguém, quando a

¹ 1 Banda de rock francesa formada em 1976, sendo considerada uma das maiores bandas de rock francesa da década.

gente se imagina imortal, infalível, todo poderoso. Os golpes, os acidentes, a doença, a pena, a aflição apenas acontece com os outros.

Até aquela chamada irrevogável.

O toque do telefone que explode à noite, raramente para dar boas notícias. O grito estridente ressoa na casa inteira, bate nas paredes, volta, ressalta sempre mais alto, sempre mais forte. Marina se esconde debaixo do travesseiro, hesita em levantar-se. O ritmo do coração acelera. O pulso, normalmente tão lento, entra em pânico e disritmia. Ela sabe. Uma pessoa vai lhe dizer, num tom neutro, constrangido e ligeiramente compassivo que a situação tinha se degradado. Era pior.

—“Acabo de fechar os seus olhos... parou de sofrer.”

Ela desligou. A sua boca, feito a de um peixe, se movimentava, em vão, a procura de ar. Ela congelou, deitou no chão onde ficou até de madrugada, na posição fetal, os olhos abertos, secos. Mas precisava se levantar, se vestir, efetuar todos aqueles gestos do cotidiano que lhe pareciam tão pesados, demorados e inúteis. Apanhar um trem, chegar à cidade debaixo de uma tempestade de fim de mundo, trovões, chuva, vento; parecia que a natureza compadecida tinha adotado a cor do seu coração: cinza.

Chegar lá, soterrar-se, seja onde for para ninguém ver a sua dor de criança ferida, inscrita no seu rosto e no seu corpo tenso. Ela não tolerava presença alguma, a não ser a do seu irmão, porque só ele sabia que nada, nunca mais seria como antes. Foram se esticando três dias intermináveis: chamadas telefônicas, visitas de amigos, vizinhos, conhecidos, a obrigação de atender, responder, explicar, agradecer. A tortura persistia. Falar era um ato de violência para ela, como um animal, ela buscava a escuridão, o silêncio, o isolamento. Contudo, precisava pensar em tudo, prever as refeições, receber os amigos, a família. O pai a acompanhou durante esses dias. Ela, sozinha, não teria tido forças para enfrentar a morte da mulher que tinha lhe dado a vida.

Houve essa noite surrealista onde ela escutava barulhos, onde escutava a sua mãe falando, lhe dizendo coisas a serem feitas, outras a serem evitadas. Ela estava alucinada, sentada na cama da sua mãe, cheirando o seu perfume, sentindo a sua presença: ela respondia, prometia, procurava por ela, não a encontrava, não a encontraria mais. Ela não lhe disse adeus, não fez o luto, não

se faz o luto, convivemos com a ausência. Durante meses, anos talvez, ela estenderá a mão para alcançar o telefone, seja no trabalho, em casa, durante as viagens e discar o número de telefone do hospital: então ela gaguejará vagas desculpas e do outro lado, eles vão pensar “é a louca que volta a ligar” ou talvez “ela parece estar sofrendo tanto apesar de todo esse tempo”.

Ela tinha agradecido toda a equipe que tinha cuidado de sua mãe com muito carinho e uma dose enorme de humanidade. Todos os seus amigos também, que durante os anos de adolescência tinham se tornado filhos para aquela que tinha ido embora. Ela está só. Procura alguém que a veja que olhe para ela, alguém para quem ela não seja invisível. Ela quer ser mais amada, sempre mais. Ela quer ver brilhar os olhos no rosto do outro, de desejo, de prazer, de bem estar. Não existimos sem o olhar do outro, seja quem for esse outro. O olhar materno era sempre benevolente, tenro, atencioso. Esse olhar nunca seria substituído.

Ela se lembra dos pais, quando ainda viviam juntos, o pai que ela adorava e do qual sempre procurava a aprovação, um olhar admirado dizendo: “é a minha filha, olhem como ela é bonita, como ela é inteligente, como eu gosto dela”. Mas o seu pai foi embora com outra mulher. Ela ficou com raiva dele, e ódio da mulher... sentiu-se abandonada, traída. Que sofrimento, quando esse casal parental se desfaz, machucando a criança, o adolescente de angustia, incompreensão e medos. Em quem confiar se essa base emocional, essa única certeza, uma casa onde se vive com um pai e uma mãe se rompe, se rasga?

Perdeu o chão, o chão se abriu! Natal, aniversários, todas as datas importantes acontecerão com um ou outro. Com aquele que foi embora, haverá telefonemas, cartas, com o passar do tempo SMS, e mais nada. Não saberão mais o que dizer. A tristeza da separação, a perda dos hábitos reconfortantes e a ausência viram o nosso universo ao avesso. Essa ausência que deixa antecipar, predizer outras rupturas futuras. Quão egoístas são esses pais, eles deveriam ter sabido... Deveriam... Acreditaram... Não souberam...

Não conseguiram organizar e gerenciar a vida, a família, o trabalho, os amores. Os pais, esses dinossauros, que não compreendem nada, que não imaginam o nosso sofrimento, que ainda se acham jovens porque organizam churrascos, jantares entre eles, ou porque viajam sozinhos ou em grupo, ou

ainda porque fumam com os amigos de infância. A mãe de Marina se foi. A adolescente tinha então decretado que não queria constituir uma família, não traria crianças para o mundo, iria viajar prestar assistência aos mais pobres. Ela não queria laços que a prendesse, fontes evidentes de pena quando se rompem. Ela não queria sofrer a humilhação de ser abandonada.

Mas qual criança pode imaginar que o seu pai, a sua mãe tem uma vida afetiva, pessoal, amorosa e sexual? Qual criança pode considerar que seu pai, sua mãe tem uma vida fora daquela que divide com ela? Como aceitar que seu pai e sua mãe não se amam mais, amam outras pessoas, sem julgá-los e principalmente sem julgar aquela ou aquele que *roubou* o seu pai ou a sua mãe? Qual criança percebe o seu pai diferentemente do seu papai e a sua mãe diferentemente da sua mamãe: disponível, atento para ouvi-lo, paciente e admirativo e antes de tudo presente, muito presente.

Sentimento de abandono, na hora da separação do casal conjugal a agressividade é dirigida para quem foi embora, quem a criança vai culpar por essa partida, e por tê-lo abandonado. A vida não é tão simples assim, compartimentada, mas é muito mais tarde quando a criança se torna pai ou mãe que também se torna capaz de entender e, às vezes, viver a mesma separação. Desde então, a solidão tinha-se tornado a companheira de Marina, a sua confidente.

—Vamos, Marina, vamos dançar? Vamos pra praia esse final de semana, vem com a gente?

—Não, legal, mas preciso resolver umas coisas...

Mandavam mensagens para ela: “estamos te esperando, o tempo está ótimo!”

—Legal terem se lembrado de mim, mas estou ocupada.

Ela não queria se sentir obrigada, não queria ser importante para ninguém nem que ninguém se torne importante no coração dela. Em quem poderia acreditar quando os próprios pais mentem, enganam, trapaceiam, não assumem as responsabilidades? Tudo isso, sem parar de fazer de conta que está tudo bem. É uma característica predominantemente masculina “fazer de conta”, como se tudo estivesse sob controle, pensando que as coisas acabarão se arrumando, deixando passar a tempestade. Feito o junco que abaixa a cabeça, curva-se e deixa passar a tempestade enquanto ela se esbraveja com toda a fúria

destruidora ligada ao ódio e rancor desses momentos.

Não desistir, não quebrar, não falar, não entregar-se.

Difícilmente, as coisas se arrumam. Pelo contrário, a tendência é piorar: rancores reaparecem multiplicados, os conflitos endurecem nos acertos de conta quando não se hesita em insinuar as crianças, os parentes e os amigos, apodrecem e envenenam a vida. A mulher está às vezes decidida a destruir o outro, esse homem que ela amará loucamente, a persegui-lo com todo o ódio possível que se torna a sua razão de viver. O adolescente frequentemente toma partido contra aquele que partiu, ou seja, aquele que está errado. Ele não perdoa, se dá o direito de julgar, ele se sente empoderado, quer tudo e tudo rápido. Ele se crê invencível, nada pode lhe acontecer, ele simplesmente *sabe* e jura que com ele não acontecerá, que ele não se tornará um *velho babaca*.

Uma vida como a dos pais?

—Muito obrigada, é muito estreito.

Não tem nada a ver conosco, temos outros apetites de grande, de belo, de forte, de verdadeiro. O acanhado, o decadente, fica para os outros, nós queremos uns fogos de artifício permanentes, repensamos, reorganizamos o mundo sem parar. Queremos *Rock and Roll*. E gostamos de dizê-lo. Na cidadezinha de Marina, em vez de *Rock and Roll*, ou de *saturday night fever* rola o baile dos bombeiros sábado à noite ou na feirinha do “14 de julho”. O tédio alcança o seu nível de tristeza. Conscientemente, ela se abandona na cidade que ela tanto gostava.

Os dias fluem suavemente e se parecem um com o outro. Ela questiona o que está fazendo aí, nesse mundo amável, doce, pastel e um pouco triste. Sabe aquela foto antiga empoeirada cujas cores se foram. Ela sente desejo do novo de aventuras, de se assustar, de se superar, simplesmente de viver. Os seus amigos de infância são a sua base, sua âncora, mas quando perdeu a sua mãe, ela se transformou numa boneca de pano, a carapaça se fissura, sofre um terremoto, nada consegue segurá-la nesse lugar onde reinam a nostalgia e desde já as lembranças. Uma única ideia a sustenta em pé, fugir. Ela já havia deixado o seu amor, tinha se trancado na melancolia, o sofrimento físico e moral da mulher que tinha lhe dado à luz lhe era insustentável.

A partida aparece como uma solução singular. Ela se volta para a América do

Sul, aquela que chamamos de latina, que já lhe ensinou o choque das culturas, a iniciou ao sonhar como às lágrimas, ao amor como à traição, que lhe ensinou a pobreza, fome, desigualdade social e também a vida fácil devido aos privilégios, a festa, a beleza sob todas as suas formas. Ela aprendeu a ser malabarista permanentemente entre duas, três culturas, já que existe no Brasil como em qualquer outro país do mundo uma cultura dominante e uma cultura dominada, a dos ricos e a dos pobres... e as populações afro-descendentes? E as populações indígenas? O exercício nesse país é particularmente arriscado.

Ela se sente em dívida com esse país.

Ela voltará ainda muito tempo depois para tentar zerar os contadores.

BRASIL

Ela escolheu naturalmente o Brasil, terra de paixões, amor e ódio, de violências e de contrastes conhecidos que sempre provocaram nela inúmeras contradições. Decide partir ao encontro das populações indígenas, esperando provavelmente aí esquecer o tédio que a atormentava e resolver esse mal estar que a corrói e a faz vagar sem rumo. Ela parte como a maioria dos viajantes, à procura de si mesma. Sede da natureza, do verdadeiro, do autêntico. A Amazônia impõe-se: os mitos, a sensação de ser um só com a natureza, de descobrir a vida real, os animais, pescar, caçar, colher a sua alimentação. Sentir-se vivo nutrir-se com pouco, desprezar a sua aparência, namorar a magia, aprender a linguagem das plantas, rir com a música do vento nas folhagens.

Ela espera encontrar valores fortes, conversar com a lua, sonhar abaixo das estrelas, e, quem sabe encontrar o amor. Não contava com o tédio, a dureza dos dias ritmados pelo sol, o cotidiano triste e linear, balançado pela água que impregna tudo. A ausência de poesia, de sonhos, de doçura, o excesso de calor e de humidade fortalecem essa languidez, essa monotonia e trazem-na de volta a uma realidade onde a comida é rara, onde precisa mastigar muito *guaraná* para aguentar e sobreviver, para esquecer a fome, a doença, os mosquitos.

BAÍA DA TRAIÇÃO

A sua primeira parada é no Nordeste do país, onde vive um grupo de indígenas *Potiguaras*^{2,2}. Seus inúmeros pedidos às autoridades locais e nacionais ficaram sem resposta. Teoricamente, Marina não pode ter acesso às terras indígenas. O tempo passou e ela nunca recebeu nenhuma autorização oficial. Então resolveu dirigir-se à Baía da Traição. Trata-se de um vilarejo de pescadores, isolado, protegido do mundo urbano, bordado de praias turquesa, encantado pelas músicas das cigarras. Desconhecido dos urbanos, ainda por pouco tempo, salvo da loucura dos ricos que desembarcarão brevemente e não precisarão impor a sua lei. A sua aparência basta para lhes dar um estatuto: uma postura suficiente, um belo carro, um pouco de dinheiro, um linguajar da cidade. Os moradores do vilarejo apressar-se-ão para propor os seus serviços. Eles não precisarão da pequena frase mágica que abre todas as portas: “Sabe com quem está falando?”.

Os habitantes da aldeiazinha “sabem com quem estão falando”.

Os trinta últimos quilômetros antes de chegar são estressantes, é um caminho de barro cheio de buracos que mais parecem crateras, inundado, deformado. O ônibus tem dificuldades em atravessar as plantações de cana-de-açúcar. Mulheres e crianças correm e gritam atrás do ônibus.

—Quem é você? O que estás fazendo aqui? Você é rapaz ou moça?

Marina cortou os seus cabelos muito curtos. As mulheres riam dela.

—“Ela é tão diferente!”

—Será que ela é retardada? Você acha? Tem certeza que é menina? Ela não entende nada”.

—Marina fala pouco. Ela não quer ser identificada como *gringa*. Ela sorri muito, também faz careta. O português que ela tinha esquecido está de volta, sente-se mais segura e sabe que em breve ela será reconhecida como sendo uma brasileira do Sul.

—Depois de um tempo:

—“Tu vais dormir onde? Tu queres que a gente te arrume um lugar para ficar”?

Além do vilarejo está a reserva indígena. Ela está aberta, sem verdadeiro

² 2Grupo indígena que habitavam as regiões do litoral do Maranhão até a Paraíba.

limite com o *outro mundo*. Outras mulheres se aproximam, começam a conversar, algumas propõem hospedá-la à noite. Elas continuam se questionando. Marina as escuta murmurar: “ela é estranha essa menina com os seus cabelos curtos. Ela não fala nada. Talvez seja muda ou surda ou os dois. Ela não entende nada. Talvez não seja normal”?

Marina instala-se numa pequena casa do vilarejo, na praia, ela se deixa levar pelo movimento envolvente da rede, pelo fluxo e refluxo das ondas que a balançam. Ela tem o sentimento de ser um só corpo com a água, como se tivesse voltado ao ventre materno, num torpor e mormaço tranquilizadores. Ela sabe que o seu olhar pensativo, os seus gestos lentos, seus longos silêncios intrigam os seus anfitriões. A comunicação não é fácil, dois modos de pensar o mundo confrontam-se permanentemente e é o papel de Marina de se adaptar. Foi ela quem escolheu vir ao encontro de uma população diferente, foi ela que deixou os seus hábitos, então tem que aceitar a se fundir àqueles de quem a acolheu. Comunicar, além da palavra, reside também no fato de comer, dividir tarefas, sorrir, rir, apresentar o seu corpo, andar, dançar, dividir o pão e o sal, em função das culturas.

Desde a madrugada, ela admira os reflexos prateados do sol nascente sobre a areia molhada. As estrelas do mar e as conchas deixam marcas na areia húmida, feito o nosso corpo nos lençóis. Algumas bolhas explodem na superfície como se fosse para deixar alguma pista, para acreditar na vida. Passamos do vilarejo à reserva pelo mar, costeando a praia durante três ou quatro quilômetros e aí escalar o rochedo.

Na comunidade Galego³³, o tempo parou. A reserva desapruma o mar e as casas encontram-se a dois ou três quilômetros dentro das terras. As plantações de abacaxis, de batata doce, de melancia, de cana-de-açúcar revelam um cheiro forte de açúcar macerado, enjoativo, entontecedor.

Um ritual se repete infalivelmente, quando estrangeiros aproximam-se da aldeia, assobios agudos repercutem a medida que os estranhos ganham terreno para assinalar a chegada deles.

³³ 3 Comunidade principal do espaço indígena

Ao longo do caminho, perfumes de plantas e de frutas selvagens misturam-se com os da plantação de abacaxi com gosto de mel. Enormes formigas vermelhas fervilham e enfrentam-se, os grilos encadeiam, em uma competição harmônica enquanto o sol não deixa de queimar o que passa ao seu alcance.

As casas são minúsculas. As paredes são construídas de Pau-a-pique⁴, os tetos são confeccionados com folhas de bananeira, as portas de palha trançada parecem ter sido jogadas aí por acaso. As portas apenas estão fechadas a noite para proteger dos animais que poderiam entrar. Na verdade, elas estão apenas jogadas. Sob a forma de janelas, simples aberturas, às vezes adornadas com tecidos coloridos. Essas habitações se parecem todas, retangulares, abrigam entre quatro e dez pessoas. Todos vivem fora, apenas vão para casa para dormir. Não se têm medo. Aqui não há ladrões. Não há nada para se roubar.

Por toda parte, as crianças brincam nuas, entre eles ou com animais, cachorros essencialmente ou papagaios. Eles não têm brinquedos. Inventam e riem muito. Um velho, empoleirado sobre o seu burro está indo para o *Lago Encantado*, que se encontra a três horas de caminhada da aldeia. Esse lago é rodeado de mistério e o homem afirma:

—Uma menina afogou-se no lago há um ano, durante um lanche organizado para o dia das crianças.

Ele conta porque não se deve ir:

—Eu fui sozinho um dia, ao meio-dia, e vi uma cobra enorme, brilhante, gorda, feito um saco de farinha. Levei um susto tão grande porque ela ficou olhando para mim. Fui embora correndo. Outra vez, na margem, sempre ao meio dia, correntes e vários objetos de ouro apareceram de repente. Enfim, outra vez, seis mulheres estavam comendo na mesma margem, no mesmo horário. Eu queria partir, mas ao mesmo tempo estava atraído por elas, me aproximei mais e quando podia quase tocar nelas, elas desapareceram. Mas, essas seis mulheres, são as mesmas que desapareceram nesse último ano, afogadas no lago. Para tirar o feitiço, alguém precisa mergulhar e abrir as sete portas do fundo que continuam trancadas com chave. Mas ninguém teria tempo suficiente para

⁴ 4 Parede feita de madeira e terra argilosa vermelha alaranjada

isso, aquele que for louco suficiente para tentar seria ao mesmo tempo condenado a morrer.

Ele não consente em levar Marina e aconselha aos obstinados em ter muito cuidado se não quiserem ser enfeitiçados, atraídos e levados para o fundo.

Uma jovem professora ensina de tarde em São Francisco, outra comunidade. Ela sugere a Marina que participe da sua aula, ela aceita com prazer. As crianças esperam a professora enrolando-se uns com os outros no chão, brincando de rixa⁵. A professora é uma personagem fundamental da reserva. Ela abre as portas da educação, da aprendizagem e possui o saber. As crianças respeitamina. Assim que a avistam, eles precipitam-se na sala de aula e sacodem a poeira da roupa. Os meninos cospem nas mãos para achatar os cabelos atrás da orelha.

As missões religiosas deixaram marcas. A aula começa, rezam:

—*Nossa Senhora...*

Do lado de fora, uma mulher dorme, deitada no chão, um jovem indígena está acocorado num canto, bêbado, os olhos amarelos, detonados, o olhar vazio, ele sacode a sua garrafa de *cachaça* vira ao contrário varias vezes, sonhando em conseguir algumas gotas, mas ela continua desesperadamente vazia, seca. Uma mulher aparece numa janela em frente. Ela se dirige a Marina:

—Casei aos 15 anos, tive quinze filhos, seis morreram. Crio os outros como posso, meu marido trabalha de vez em quando na usina vizinha. Eu colho frutas, pesco de noite e de dia, é o suficiente para a nossa sobrevivência... Aqui faz sempre o mesmo tempo, quente. A gente dorme na rede e quando acaba a comida vamos colher frutas e plantas ou pescar.

Maria, uma mulher idosa, embala uma das suas netas. Ela desconhece a idade dessa sua neta, pois teve tantos:

—Tive dezesseis filhos e filhas, cinco morreram, os outros casaram e também tiveram muitos filhos. Uma das minhas filhas é doente, ela tem problemas de nervos, mas eu não tenho dinheiro e ninguém nos dá remédios. Há anos que

5 Brincadeira que simula luta.

nos prometem a visita de um médico.

Interrogada a respeito do parto, ela afirma que é melhor dar a luz ao seu filho sozinha:

—Quando uma mulher *Potiguara* sente que está chegando à hora, ela vai para a natureza e sem ajuda, no chão, ela bota a criança no mundo, ela da à luz.

Pescar é a atividade privilegiada dos homens, sejam eles residentes da aldeia indígena ou do vilarejo. De madrugada, perfilam-se as silhuetas das *jangadas*, essas embarcações simplíssimas nas quais partem os pescadores ao entardecer para apenas voltar de madrugada, carregadas do ganho da noite. Da *jangada*, eles despejam os peixes na praia. Visão fantástica, brilho de ouros, pratas, de luzes no sol nascente. Inúmeros tubarõezinhos ainda remexem-se. Os golfinhos raramente são pescados.

Um bando de *urubus* aparece no céu lavado, voam baixo, vão a pique, mergulham, precipitam-se na entranhas ainda frescas. Todos rivalizam, disputam um pouco da pita⁶, arrancando uns dos outros o máximo da ração. Os pescadores dividem os peixes entre eles e distribuem para as crianças que se encontram presentes.

Um deles conta:

—Para nós, o golfinho é um Dom Juan, porque ele é atraído pela mulher. Muitos homens usam amuletos, um olho ou um dente de golfinho, para assegurar-se dos sucessos femininos e uma virilidade sem falha. Há muito tempo atrás, houve um baile em Baía da Traição. Dois jovens rapazes, que ninguém conhecia apareceram muito bonitos, altos, ótimos bailarinos, encantadores, seduziram várias mulheres. Eles beberam bastante, falaram em deixar o baile durante muito tempo e de repente, desapareceram. O dia seguinte foram descobertos dois golfinhos mortos a uns quinze metros do mar. Eram os nossos dois desconhecidos que não tiveram tempo de regressar ao mar.

Outra figura importante de Bahia da Traição é o *Cacique* da comunidade Galego. Ele é impressionante apesar do seu tamanho; é bonito, olhos esticados nas têmporas, sorridente, simpático. Ele ri muito e frequentemente, até quando

⁶ Ração diária de viveres.

conta os seus litígios com a Fundação Nacional de Apoio ao Índio.

—As promessas jamais são honradas. Os índios não são considerados como seres humanos. Eles são manipulados, não têm direito a ter conta em banco, nem passaporte. A Fundação transformou a gente em assistidos sem nos dar assistência real. Por exemplo, peço um trator, ferramentas, médico, mas nunca chegaram. Nossas terras foram reduzidas. Os homens políticos manipulam-nos também e é fácil, nós não sabemos ler nem escrever e não recebemos nem formação nem informação. Eu contava com a nova constituinte para nos conceder mais liberdade e autonomia. Para sobreviver, o índio deve se integrar à sociedade, mas a sociedade brasileira não dá nenhuma chance ao índio. Ela não quer integrá-lo. São palavras falsas. Para se nutrir, o índio tem tudo ao alcance da mão, para se curar, ele usa as plantas. Aí está toda a ambiguidade da situação indígena. Os índios apenas poderão sobreviver integrando-se à sociedade, pela educação, informação, escolaridade, mas a sociedade não facilita o acesso ao saber, a saúde, educação. Na reserva, os homens pescam, plantam batata doce, abacaxi, melancia, feijão, cana-de-açúcar, inhame, chuchu, eles constroem as casas. As mulheres cuidam das crianças, da comida, da cozinha, elas ajudam na pesca e a colheita é tarefa delas. Construímos um forno comunitário para cozinhar o bolo de mandioca, o *beijú*⁷⁷... Quando está aceso, todas as mulheres e todas as crianças da comunidade aproveitam e usam. Para mim, todo mundo é igual, não existe pessoas superiores ou inferiores. Todos nós temos, ou melhor dizendo, deveríamos ter os mesmos direitos.

Alberto, o cacique, é poeta. Ele fala do vento, como se fosse um laço entre os vários elementos da natureza que traz mensagens de um galho ao outro, de uma folha à outra e transmite cheiros, sentimentos e emoções. Ele não cogita morar em outro lugar, longe da natureza, é fundamental para ele escutar as mensagens do vento, conversar com as estrelas e se deixar levar pelo luar.

O telefone celular ainda não tinha chegado à região, na aldeia.

Ele foi casado, tem um filho desse primeiro casamento. O ritual do casamento é extremamente simples. Os jovens “fogem” cada um da casa dos pais e casar

⁷⁷ É uma iguaria tipicamente brasileira, de origem indígena feita com a tapioca, que ao ser espalhada em uma chapa ou frigideira aquecida coagula-se e vira um tipo de panqueca ou crepe seco.

é fugir, instalarem-se juntos, numa outra casa. Fugir significa simplesmente partir, não dormir na casa dos pais, mas com o (a) prometido (a). O dia seguinte, os pais constatam que o filho “fugiu” com tal moça ou que a filha sumiu com tal rapaz. O casamento fica então reconhecido pela comunidade. Para oficializá-lo, é possível entrar em contato com a Fundação Nacional do Índio, mas o que mais importa, é que o grupo reconheça essa união.

Alberto fala do seu casamento como se fosse um fracasso:

—A gente não combinava. Quando resolvemos nos separar, meu filho resolveu ficar comigo. São os meus pais quem estão criando ele. Comigo, ele tem uma liberdade total. Ele tinha um burro e queria uma bicicleta. Vendi o burro e comprei a bicicleta. O importante era ele ficar feliz.

Os dias fluem na lentidão e na umidade, apenas ritmados pelos banhos nos riachos ou no lago, pelas refeições onde se melhora o ordinário com carne de jacaré. No calor avassalador da tarde, na sombra das bananeiras e dos coqueiros as mulheres caçam os piolhos na cabeça uma da outra, outras se penteiam criando lindos penteados com tranças e dividem: água, frutas, *fofocas*, confidências.

—Antes, Baía da Traição chamava-se em tupi-guarani, *Acajutibiro*— Terra fértil de cajus amargos. Os indígenas viviam tranquilos na beira do mar. Um soldado francês chegou num navio e se apaixonou por uma jovem Índia e ela caiu em amores por ele. A comunidade não se metia enquanto a moça não se afastasse da aldeia. Os *Potiguaras* não suportam que homens de outra comunidade roubem as suas mulheres. Um dia, esse francês teve que ir embora. Ele levou a moça com ele, sem avisar, sem ela se despedir, o que os *Potiguaras* não perdoaram. Quando ele voltou, anos mais tarde, os índios crivaram o navio e os seus ocupantes de flechas. Os Franceses responderam pelo fogo, acionando os seus canhões. Muitos morreram. Nessa baía, houve dupla traição: o Francês tinha raptado a moça sem a autorização do grupo e os guerreiros índios não respeitaram os laços de amizade que tinham tecido com ele.

Essa é a história de Baía da Traição e Marina se pergunta se ela não foi um pouco adaptada para ela. A necessidade essencial das populações indígenas é diretamente ligada ao slogan que diz “A Terra é a Vida”. Índios necessitam do espaço, da natureza para pescar, caçar, plantar, colher. Arrancar das mãos deles

essa terra significa a curto ou médio prazo, condená-los à morte. O choque cultural entre brancos e índios é intenso e dos dois lados. Para os indígenas, o branco é escravo do trabalho, dos horários, da rentabilidade, das obrigações do cotidiano, ou seja, tudo o que se faz precisa ter alguma utilidade. Para “os brancos”, o índio é antes de tudo preguiçoso, mas também mentiroso e não quer trabalhar. As representações de ambos os lados da fronteira, visível ou invisível, são barreiras que impedem um eventual encontro.

Marina está encantada com essa sociedade que não visa o lucro, procura a harmonia com a natureza, não consome, não sofre, aparentemente, limitações e também é uma sociedade que deixa total liberdade às crianças. Mas, coabita com a pobreza, a doença, o isolamento, a ausência de verdadeira escolha de vida, o esquecimento por parte dos outros e a evidência de não poder ter acesso à educação. O que isso significa em relação à liberdade? E o que é esse mito da Liberdade? Será que tem apenas a ver com horários ou ausência de horários?

Ou, como escreveu Richard Bolles “Sua verdadeira liberdade começa quando você tem direito de escolher entre duas coisas”?

Ilusão de muitos entre nós que lisonjeiam sociedades muito diferentes das nossas porque parecem mais livres, mais próximas à natureza, menos restritas, no espaço e no tempo. Contudo, quantos entraves carregam no seu seio? Quantos limites impõem, a começar pela ausência de educação, pela aprendizagem de ler e escrever?

Marina vacila frente às crianças. Ela fala frequentemente às mães que vai levar uma criança com ela. Elas são bonitas, brincalhonas, risonhas e ela não planeja dar à luz. Com grande surpresa, muitas mães lhe propõem o seu pequeno ou pequena: “Ficará bem com você, todo dia terá comida, não passará fome, irá para a escola, aprenderá, estudará, não lhe faltará nada.”.

Marina sempre fica abalada pelas diferentes leituras e pontos de vista relativos à adoção. Obviamente, as condições necessárias, materiais seriam mais confortáveis, mas será que a criança ficará feliz, será que não lhe faltará nada? Nada? E as outras crianças? Os cheiros de *beijú*? Os banhos no rio ou no mar? Os abacaxis transpirando açúcar? E os cafunés da mamãe, o carinho dos avôs? E as sonecas no entorpecimento das tardes de verão? E...

Marina toma cada dia mais consciência da vida confortável que leva na

Europa, do luxo no qual vivemos sem mesmo o saborear. O nosso mal estar, nossas dificuldades em ser feliz, a ausência de prazer, de sabor das coisas simples, tudo isso continua incomodando-a, agredindo-a, o fato de ter a felicidade e de desprezá-la. Ela está com raiva dos homens e das mulheres do seu país por eles não saberem apreciar os prazeres mais simples, de se queixar sistematicamente, de não saber e não querer ser feliz. Por outro lado, a sua impotência frente à fome, à falta de educação e à dor lhe aparece evidente.

—Marina, como é a tua terra? Lá é quente? Têm abacaxis, cocos? Tem índios? Macacos? Coqueiros?

—Não, não é bem assim. Não é muito quente, há prédios, carros, sinais, em alguns lugares neve...

De repente, ela se cala frente à absurdidade do que ela poderia dizer... Apresentar uma realidade impossível de ser imaginada por eles, uma realidade que perderia o seu sentido.

—Diga, pelo menos tem jacarés?

Quando ela faz não com a cabeça, eles sorriem e dizem:

—Tua terra deve ser muito triste.

Ela sacode a cabeça, não ousa falar do frio, do metrô, da neve, dos apartamentos trancados com chave. Como falar da neve a pessoas que tremem quando o termômetro chega a 20 graus? Ou de portas trancadas se aqui basta bater as mãos para anunciar a sua chegada... Como descrever prédios, metrô?

—A minha terra não é triste, mas os homens não parecem ser feitos para a felicidade. Eles se sentem responsáveis pelas dores do mundo, da história. Eles vivem tensos, se queixam e reclamam o tempo todo.

Irmã Emmanuelle⁸ falava frequentemente dessa dificuldade em serem felizes para os Ocidentais, dessa ausência de simplicidade no prazer de ser e de compartilhar com os outros. Realidade que ela constatara quando voltava do

⁸ Irmã Emmanuelle é uma freira belga, muito conhecida na Europa, que ensinou no Egito e trabalhou com os catadores de lixo, desde 1971. A partir desse trabalho, foi criada a ONG Les amis de Sœur Emmanuelle em 1980 que atua no Egito, na Líbano, na Índia, nas Filipinas, no Burkina Faso em Madagascar e na França. Faleceu aos quase 100 anos em 2008. A autora representou a ONG no Brasil de 1994 a 2000.

Egito. Vamos saborear chance de viver em paz, de estudar, de criar os nossos filhos, de transmitirmos elementos da nossa história. De ter tempo suficiente para estudar, aprender, ter lazer, projetos, tempo e direito de sonhar.

No calendário brasileiro, o 19 de abril é o Dia do Índio, único dia que sobrou para a população nativa do Brasil. Em Bahia da Traição, festeja-se esse dia com a dança da *Toré*⁹. O prefeito da cidadezinha mais próxima prometeu um caminhão para transportar bailarinas, bailarinos, cantores, cantoras das sete comunidades. Desde muitas semanas, todos prepararam colares, braceletes, com pequenos grãos, dentes de peixe, de jacaré e penas. Na véspera, treinaram uma coreografia criada por Alberto. Ao mesmo tempo, a farra está em pleno andamento, num bar, na beira do mar. Lado a lado encontram-se homens da aldeia e homens da cidade, eles não poderiam se encontrar em outro lugar, somente nesse lugar que tem a ver com a masculinidade: o *barzinho*.

O álcool corre solto, feito um rio: *cachaça* e cerveja, juntos ou em alternância, mas o resultado é sempre o mesmo, a alucinação. O juke-box despeja a sua música quente e balançante. Remelexo. Ninguém escuta nada, cada um grita, faz de conta que escutou, balançando a cabeça, sorrindo. O álcool queima as cabeças e os corpos.

No ritmo febril da *lambada* ou do *forró*, corpos brilhantes de suor, de prazer, de desejo, se procuram, se acariciam, se acertam num mesmo ritmo. Um casal se afasta, titubeando em direção da praia. Outros se abraçam, enlaçam, se beijam, vibrando nos diferentes ritmos, se separam, se reencontram, bebem mais antes de se abraçar de novo.

A música é ensurdecadora. Alguns, que beberam de mais, balançam, cambaleiam, deslizam. Outros ainda procuram a confrontação. O tom muda, sobe, os nervos estão à flor da pele, alguns tapas são trocados e, de repente, a precipitação, aquele momento do confronto dos corpos. Insultos jorram de ambos os lados, aliás, ninguém sabe quem é quem. Os xingamentos são logo abafados pela música, os gestos se tornam ameaçadores, agressivos,

⁹ É uma prática ritual, capaz de balizar as diferenças internas, projetando os grupos nas situações de contato. No caso dos Potiguara, o *toré* é geralmente realizado nas comemorações do Dia do Índio (19 de abril), sendo pensado como um "ritual sagrado" que celebra a amizade entre as distintas aldeias, realçando o sentimento de grupo e de nação

grosseiros. Dois policiais tentam trazer um pouco de calma: é um abraço num, uma piada com outro, uma palavra num terceiro, seguida de um tapinha no ombro. Perda de tempo, ameaças sucedem aos insultos. Uma briga estoura e um policial atira para cima. A bala fura o teto de nuvens leves querendo atingir a lua que ri. Não por muito tempo. A bala ricocheteia no alto da parede e desce, acaba atingindo um adolescente indígena, sentado, afastado, fora da confusão.

A bala atinge o jovem no peito, no coração.

Paralisam as trocas de tapas, a música, a dança, o barulho. A cena é surrealista. Cada movimento imobiliza: alguns têm copo na mão, outros estão ainda enganchados na cintura ou no ombro do parceiro, ou ainda um punho ameaçante continua apontando um homem marcado. O silêncio se torna ensurdecador. A cena é aureolada por halo de luz branca, de repente descorada. O sentimento é de estar num filme ruim. Alguém vê que o adolescente foi atingido, sem imaginar o pior. Pensa-se num simples arranhão no máximo. O rapaz está caído, morreu na hora.

Pânico, gritos, desespero sucedem-se, misturam-se para enfrentar a morte absurda de um jovem que não fez nada, observava de longe, não queria participar dessa violência. O seu erro? Estar na hora errada no lugar errado.

Um véu cinza embaça a aldeia.

Uma grande tristeza envolve Bahia da Traição e toda a reserva. Ninguém compreende, ninguém explica o drama. Um céu de chumbo surpreende o mar, a lua, os participantes dessa festa fúnebre. Marina treme de raiva, de impotência. Por quê? Por que essa morte injusta, totalmente inútil?

O dia seguinte, às seis da manhã, todos se preparam para a festa, para o *Dia do Índio*, maquilham-se, vestem a roupa tradicional e carregam arcos, flechas, colares, braceletes e vários adornos de plumas, no mais absoluto silêncio. A felicidade que habitava Marina nesse projeto de acompanhar a turma nessas festividades fugiu. No seu lugar, um gosto amargo de fel. Ela se obriga a partir junto com eles no caminhão.

Os rostos estão fechados, os maxilares tensos, o dia de chumbo. A tristeza, o rancor, o mal estar estão presentes, latentes, surdos, pesados. Quando se preparam para sair, vozes baixas comentam o acontecimento da véspera.

—Foi um homicídio, um assassinato. São sempre os mesmos que pagam, nós

não temos armas, nem podemos nos defender. Vamos nos vingar, aliás, precisamos nos vingar, esse crime não vai ficar impune.

A tensão é terrível, palpável. Em cada comunidade, antes de dançar, Alberto toma a palavra:

—É fundamental manter as tradições, salvar a cultura indígena, reaprender o tupi-guarani, a língua dos nossos ancestrais e transmitir essa cultura aos mais jovens para que eles mesmos a comuniquem aos próprios filhos.

—Nós somos os últimos a falar tupi-guarani, nossos filhos vão esquecer a dança, a língua, os rituais. Eles irão engordar as favelas de João Pessoa ou de Recife e mergulharão no álcool e na prostituição se nós não ficarmos atentos. É preciso saber quem nós somos e de onde viemos; manter a cabeça erguida. Um homem é um homem qualquer que seja a cor da sua pele.

Momentos de emoção, raros, densos. Silêncios.

Então o *cacique* se ajoelha, e chama a energia da terra. Ele pede a essa mesma terra que os nutre desde séculos a autorização para começar a cerimônia. Alberto pede calma. Ele faz referência ao drama que aconteceu na véspera e pede sangue frio a todos para não antecipar vingança. Por volta das dezessete horas, o grupo passa pela comunidade onde o rapaz que morreu na véspera acaba de ser enterrado.

A família toda está presente, de luto e fala em represália, em justiça. A ira incha. A vingança acontecerá, de fato, pelo fogo destruidor e purificador. Mais tarde na noite escura, de cima da aldeia, Marina assiste ao fogo, vendo as altas chamas que lambem as frágeis habitações, a maioria será destruída em poucas horas. Ela continua triste e a tensão não cede. Alberto não se arriscou a ser mediador. Ele pensou em apresentar as condolências à família do menino, mas não quis interferir na disputa.

Essas cenas de violências acontecem frequentemente no país inteiro. Algumas das responsáveis pela origem dessas mortes violentas são: o álcool, as drogas, a falta de educação e as armas compradas com muita facilidade.

Chegou a hora de ir, retomar a estrada. Os adeuses são difíceis. Não esquecerá nunca essa silhueta que dança no sol ou debaixo da lua, esse olhar penetrante que perfura a alma. A partida de Marina faz pelo menos uma pessoa feliz: o filho de Alberto que não apreciava a presença dela perto do seu pai.

Achava que ela passava tempo demais com ele e o máximo da provocação, para ele, era ela acompanhar Alberto nas cerimônias.

—Como ela se acha! Quem ela pensa que é só porque é estrangeira? Ela pensa que o caminhão é dela? Ela pensa que vai se instalar aqui e viver com o meu pai? Pode sonhar...

E a criança instalava-se, apoiada no para-brisa, do lado do passageiro, para marcar o seu território e para Marina não ver a estrada. Feito qualquer outra criança que fica emburrado, ele cruzava os braços no peito, batia com um pé no chão, suspirava e não abria a boca.

Marina não esquecerá. Ela continua o seu caminho em direção do Norte com o projeto, depois, de descer à Amazônia. Ela gostaria de dividir esses momentos, mas com quem? Quem poderia entender o que ela sente, o que ela descobre nessas trocas, nesses olhares?

Ela se contenta em escrever.